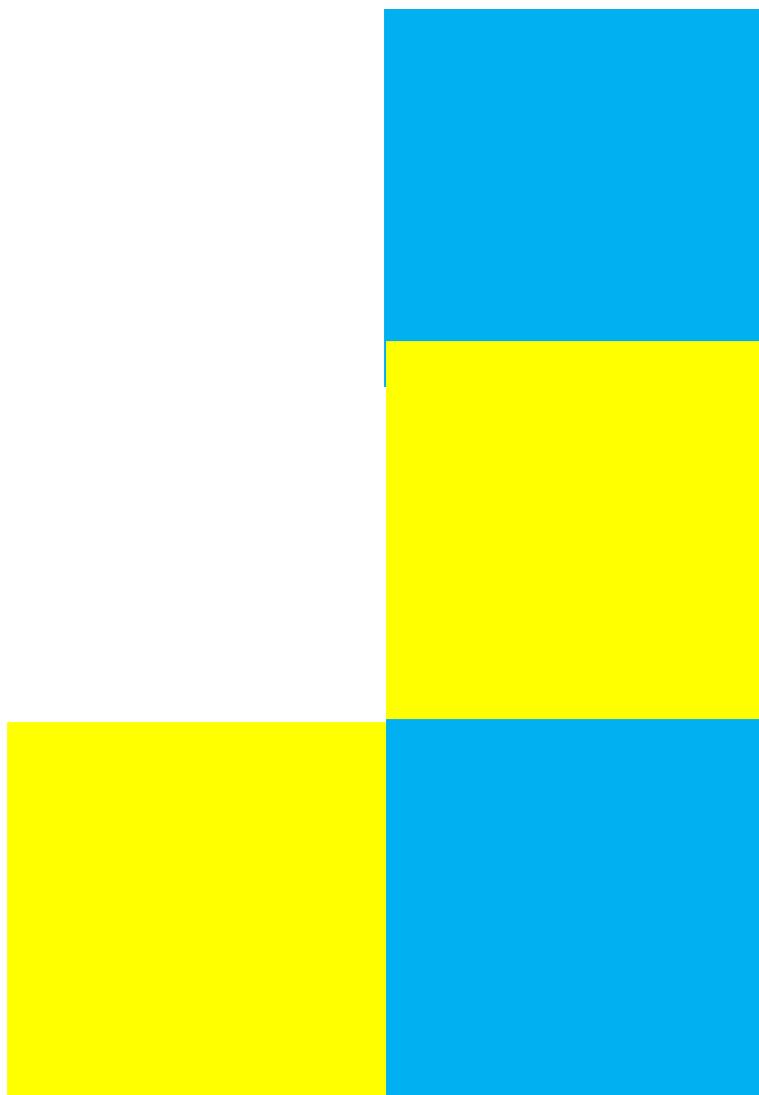


A magia dos cabelos: uma apresentação dos cordões de cabelo de Barbara Glowczewski

Mylene Mizrahi

Antropóloga e Professora do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio. E-mail: mylenemizrahi@gmail.com



A discussão contemporânea em torno dos cabelos, notadamente a conduzida no Brasil, mas não só entre nós, acompanha o debate revigorado sobre a negritude, mais especificamente no que se refere às relações raciais e às reivindicações de identidade racial (GOMES, 2003; FRY, 2002). De algum modo, parece evidente que assim deva ser. Contudo, já há algum tempo diferentes pesquisadores apontaram para o potencial universal que os cabelos apresentam para a análise social, para além das perspectivas concernentes à “raça”. Nesse nexos, “Cabelo mágico”, de Edmund Leach (1983), tem posição privilegiada, oferecendo ponto de partida para diferentes reflexões a explorarem os significados simbólicos dos cabelos. Cabelos que, nota o antropólogo inglês, são quase onipresentes em rituais de passagem e que, com seus distintos significados, atravessam culturas. Mas se Leach assume uma perspectiva simbólica, sua análise permite adentrar também os aspectos pragmáticos dos símbolos, aquilo que eles *fazem fazer*.

De fato, parece impossível desvincular os poderes dos cabelos de sua materialidade. Sua “magia” parece inevitavelmente atrelada à sua qualidade plástica. Qualidade de adquirir variadas formas, texturas, cores. De ser moldado, cortado e novamente “crescido”. O cabelo é assim um *órgão* que se regenera e que, se pode ser pensado como fazendo parte de nossa carne, é também profundamente cultural, para nos remetermos às articulações entre Natureza e Cultura sobre as quais o estruturalismo de Claude Lévi-Strauss se instituiu. As articulações entre Natureza e Cultura presidiram ainda, mesmo que como crítica, as abordagens que retomaram a centralidade que os objetos, os artefatos e as coisas possuem na vida social – como em Daniel Miller (1987), Bruno Latour (1994) e Alfred Gell (1998), entre tantos outros. É esse emaranhado de significados que os cabelos permitem adentrar que motiva a publicação de “Morte, mulheres e ‘produção do valor’: a circulação de cordões de cabelo entre os walpiri do deserto central australiano”, artigo de Barbara Glowczewski publicado originalmente em inglês (GLOWCZEWSKI, 1983).

Como indica o título do artigo, o argumento da autora se erige na interface entre antropologia econômica e a discussão sobre o gênero, discussão que dominará parte da antropologia feminista, filiação que a própria Glowczewski reivindica já ao início de seu

texto, explicitando o diálogo com Annette Weiner. Como adensará em seu *Inalienable possessions* (WEINER, 1992), Weiner argumenta que, diferentemente do que se pôde depreender da análise de Bronislaw Malinowski sobre o *kula*, as mulheres, mesmo se não visíveis na esfera da troca, não estão excluídas da produção de valor. Ao contrário, é da habilidade de retirar da esfera da troca as possessões preciosas por elas produzidas e simultaneamente doar aquilo de que o grupo poderia prescindir – dinâmica que ficou conhecida como “the paradox of keeping-while-giving” – que se poderia assegurar a identidade coletiva e a posição na escala hierárquica social. É também como antropóloga feminista, e igualmente elaborando sobre o gênero e a troca a partir de pesquisas conduzidas em sociedades do Pacífico, que Marilyn Strathern (1988) desestabilizará de modo definitivo os conceitos de sociedade e de indivíduo. É possível assim incluir a contribuição de Glowczewski nesse rol de antropólogas que rompem com uma tradição que, ao relegar a esfera doméstica e feminina a um suposto domínio a-social – por contraste à equalização da esfera pública e masculina ao domínio político e social – silenciou as mulheres por meio de etnografias produzidas majoritariamente por homens.

É assim junto à circulação de cordões cabelos entre os walpiri australianos e em meio a relações de gênero tradicionais que Glowczewski explicita a participação das mulheres na reprodução social, na produção de valor e na garantia da posição hierárquica entre os grupos. Articulando parentes classificatórios e consanguíneos, assim como mortes simbólicas e concretas, a autora nos revela um mundo de relações em que as mulheres são vitais para o processo social como um todo. É por meio dos cordões feitos por cabelos que retiram de si mesmas – as mulheres, mais do que os homens, cortam seus cabelos em situações de lutos para fazer cordões – que, por exemplo, se efetivará a transmissão de valor entre cunhados. Portanto, e de modo distinto do que se dá quando estão em jogo categorias analíticas ocidentais (OVERING, 1986), diferença aqui não precisa ser equalizada à desigualdade,

Na verdade, os homens necessitam dos cabelos das mulheres e de mulheres para poderem transmitir o cabelo entre homens,

enquanto as mulheres não precisam do cabelo dos homens. O único caso no qual elas o recebem é na ocasião de um contrato ritual entre uma mulher e o clã paterno de seu marido com relação a um menino, um futuro produtor de valor. O valor aqui se refere às alianças que o menino fará através de seu parentesco; os cordões de cabelo representam precisamente o valor de uma aliança. Expressando de forma diferente, uma mulher não depende dos homens a menos que ela tenha concordado em dar um filho a seu marido. Por desistir de sua independência, ela é compensada com cordões de cabelo. (GLOWCZEWSKI, 2022:?)*

Os cabelos entre os walpiri demonstram, inegavelmente, seu valor simbólico. Como também quando utilizados em rituais curativos – “separam” a doença do corpo ao mesmo tempo em que “religam” o corpo – e em rituais mágicos do amor. Ou operam ainda como símbolo da diferença entre os sexos, o que vale para diferentes casos, inclusive o brasileiro (MIZRAHI, 2007; 2015).

Mas cabelos podem também ser transubstanciados em tecidos, nos mostram os walpiri, o que nos leva de volta ao ponto que explicitarei ao início desta apresentação, a relevância que a plasticidade do cabelo e, portanto, sua materialidade, possui para seu significado, um significado que, relevante enfatizar, se não nega o simbólico, está para além dele (MIZRAHI, 2018). Pois cabelos efetivamente circulam entre indivíduos, clãs ou tribos. E podem ser usados como fitas nas cabeças, cintos ou mesmo constituírem as únicas vestimentas que se tem, como no caso dos aborígenes do deserto australiano. É essa associação entre cabelos e vestimenta que, cogita Glowczewski, responde por sua substituição pelos tecidos. Se “cordões feitos de cabelos são separados do corpo para unir pessoas, também tecidos e roupas podem ser facilmente relacionados a essa função” (2022: ?)*. É também junto ao simbólico e ao material que podemos adentrar a relação que os cabelos entre os walpiri estabelecem com os ancestrais, tema caro às investigações atuais sobre cabelos e “raça”. Os cordões de cabelos de todos os grupos australianos são

* à espera da paginação

* à espera da paginação

revestidos de ocre vermelho, que simboliza o sangue e encarna a fertilidade das mulheres. No caso dos walpiri, especificamente, cabelos carregam todas as forças de vida dos heróis ancestrais.

São essas muitas interfaces que reiteram a atualidade do texto de Glowczewski: contribuição para a literatura mais clássica sobre os cabelos assim como para as abordagens mais contemporâneas; análise que se centra nos aspectos simbólicos sem, contudo, excluir o rendimento que a matéria apresenta; e, por fim, abordagem que nos faz voltar à antropologia feminista em seus momentos iniciais.

Referências:

FRY, Peter. Estética e política: relações entre 'raça', publicidade e produção de beleza no Brasil. In **Nu e vestido**. M. GOLDENBERG e M. S. Ramos (orgs.). Rio de Janeiro: Record, 2002, pp. 303-326.

GELL, Alfred. **Art and agency: an anthropological theory**. Oxford: Oxford University Press, 1998.

GLOWCZEWSKI, B. Death, Women, and "Value Production": The Circulation of Hair Strings among the Walpiri of the Central Australian Desert. **Ethnology**, v. 22, n. 3, pp. 225-239, 1983.

GOMES, N. L. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, pp. 75-85, 2003.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**. São Paulo: Editora 34, 1994.

LEACH, E. Cabelo mágico. In DA MATTA, R. **Leach**. São Paulo: Ática, 1983, pp. 139-169.

LÉVI-STRAUSS, C. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.

MILLER, D. **Material culture and mass consumption**. Oxford, Basil Blackwell, 1987.

MIZRAHI, M. Indumentária funk: a confrontação da alteridade colocando em diálogo o local e o cosmopolita. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 13, n. 28, p. 231-262, 2007b.



MIZRAHI, M. Cabelos ambíguos: beleza, poder de compra e “raça” no Brasil urbano. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 30, n. 89, p. 31-45, 2015.

MIZRAHI, M. “O Rio de Janeiro é uma terra de homens vaidosos”: mulheres, masculinidade e dinheiro junto ao funk carioca. **Pagu** (UNICAMP), Campinas, n 52, p. 52-73, 2018.

OVERING, J. Men control women?: the ‘catch 22’ in the analysis of gender. **International Journal of Moral and Social Studies**. Vol. 1, No 2, pp. 135-156, Summer, 1986.

STRATHERN, M. **The gender of the gift**: problems with women and problems with society in Melanesia. University of California Press, 1988.

WEINER, A. B. **Inalienable possessions**: the paradox of keeping-while-giving. Berkeley, Los Angeles: University of California Press, 1992.